



CÚPULA

Lula e Milei expõem divergências no Mercosul

Encontro ocorreu em meio à pressão dos Estados Unidos sobre a Venezuela, mas um tema que divide os líderes dos dois países

» VINICIUS DORIA

Com o adiamento da assinatura do acordo de livre-comércio com a União Europeia, o cerco naval e aéreo dos Estados Unidos à Venezuela foi o tema mais polêmico da 67ª Cúpula dos Chefes de Estado do Mercosul e Estados Associados, em Foz do Iguaçu (PR), ontem. Enquanto o presidente Luiz Inácio Lula da Silva apontava para os riscos de uma guerra no continente, o chefe de Estado da Argentina, Javier Milei, seguiu na direção contrária, classificando Nicolás Maduro de narcoterrorista e propõe alinhamento com a nova doutrina de segurança do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump.

As divergências nessa questão são tão profundas entre os dois maiores países do Mercosul que a crise venezuelana, abordada nos discursos de abertura da sessão, sequer constou da declaração conjunta dos chefes de Estado do bloco, indicando não haver pontos em comum que possam ser abordados de forma convergente. Além de Lula e Milei, participaram da cúpula os presidentes do Paraguai, Santiago Peña — que assume o comando do bloco pelos próximos seis meses — e do Uruguai, Yamandú Orsi.

O próprio distanciamento do líder argentino em relação ao presidente Lula indicava o desconforto dele em participar da reunião. Ultradireitista, Milei não demonstrou proximidade com seu homólogo brasileiro. Em todas as fotos oficiais da cúpula — inclusive, na tradicional foto de família (com todos os chefes de Estado), na frente das Cataratas do Iguaçu — o argentino evitou ficar lado a lado com o petista.

No discurso de abertura — e sem citar nominalmente Maduro ou Trump —, o brasileiro dedicou parte importante da fala de pouco mais de 10 minutos para demonstrar preocupação com as operações militares no Mar do Caribe. Para ele, a ameaça à soberania de um país não está na integração e no multilateralismo, mas, sim, em "guerras", "forças antidemocráticas" e no "crime organizado".

Ele lembrou que, desde a Guerra das Malvinas (entre Inglaterra e Argentina, nos anos 1980), não havia uma ameaça real de intervenção militar estrangeira na América do Sul, referindo-se à presença de navios e aviões de combate perto da costa

venezuelana para bloquear o tráfego de embarcações que tenham o país de Maduro como destino ou origem. Um conflito armado, para Lula, seria uma "catastrofe humanitária".

"Passadas mais de quatro décadas, desde a Guerra das Malvinas, o continente sul-americano volta a ser assombrado pela presença militar de uma potência extraregional. Os limites do direito internacional estão sendo testados. Uma intervenção armada na Venezuela seria uma catástrofe humanitária para o Hemisfério Sul e um precedente perigoso para o mundo", alertou o chefe do Planalto, em seu discurso de abertura da Cúpula.

Inimigos íntimos

Na fala de Milei, porém, a abordagem foi oposta. O líder argentino — e admirador de Trump — não economizou nas críticas ao governo de Nicolás Maduro. "A Argentina acolhe com satisfação a pressão dos Estados Unidos e de Donald Trump para libertar o povo venezuelano. O tempo de uma abordagem tímida nesta questão já passou", declarou.

"A ditadura atroz e desumana do narcoterrorista Nicolás Maduro lança uma sombra escura sobre nossa região. Esse perigo e essa vergonha não podem continuar existindo no continente, ou acabarão nos arrastando a todos", prosseguiu Milei, diante de Lula e dos demais sócios do Mercosul, em oposição frontal à do governo brasileiro.

O argentino chegou a apelar aos demais membros do bloco para que apoiassem essa posição e condene "inequivocavelmente essa experiência autoritária". Na semana passada, a chancelaria argentina chegou a propor, na reunião de ministros de Relações Exteriores do bloco, uma resolução para condenar violações de direitos humanos na Venezuela, mas o Itamaraty recusou o apoio.

Também na semana passada, Milei provocou os países vizinhos ao publicar uma ilustração que exibe Brasil, Uruguai, Colômbia, Venezuela, Guiana, Suriname e Guiana Francesa como uma grande favela, enquanto os demais países da América do Sul foram ilustrados como áreas futuristas.

Novas ameaças

Na sexta-feira, em entrevista a uma TV dos Estados Unidos,

Ricardo Stuckert / Presidência da República



Reunião do bloco dividiu Brasil e Argentina sobre causas humanitárias. Encontro ocorreu na cúpula do Mercosul em Foz do Iguaçu



Os limites do direito internacional estão sendo testados. Uma intervenção armada na Venezuela seria uma catástrofe humanitária para o Hemisfério Sul e um precedente perigoso para o mundo"

Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República

Donald Trump reafirmou que não descarta a possibilidade de uma guerra em território venezuelano e que as Forças Armadas permanecerão de prontidão no Caribe para apreender qualquer navio que tente furar o bloqueio naval imposto pela Casa Branca.

Ontem, aviões de caça dos Estados Unidos apreenderam o segundo navio petroleiro com carregamento venezuelano.

Quando a crise eclodiu, Lula se apresentou como um possível interlocutor entre Venezuela e Estados Unidos, mas essa mediação nunca foi formalmente aceita pelos dois países. Nos últimos dias, o presidente brasileiro chegou a telefonar tanto para Maduro quanto para Trump em busca de algum caminho, que não a guerra, para superar as divergências entre os dois presidentes.

Na véspera, em entrevista coletiva de fim de ano a jornalistas no Palácio do Planalto, Lula comentou as conversas que teve com os dois, recentemente. "Falei para o presidente Maduro que, se ele quisesse que o Brasil ajudasse

com alguma coisa, ele tinha que dizer o que gostaria que a gente fizesse. E disse ao Trump: 'Se você achar que o Brasil pode contribuir, nós teremos todo o interesse em conversar com a Venezuela, conversar com vocês, conversar com outros países para que a gente evite um confronto armado aqui na América Latina e na nossa querida América do Sul. O Brasil tem muito apreço por isso, porque nós temos muitos quilômetros de fronteira com a Venezuela', declarou o presidente.

Malvinas

Os presidentes dos países-membros do Mercosul assinaram uma declaração especial em que reafirmaram o direito soberano da Argentina sobre as Ilhas Malvinas, sob controle do Reino Unido, e demonstraram preocupação com a exploração dos recursos naturais da região anunciada pelos ingleses. "A adoção de medidas unilaterais, incluindo a exploração e o aproveitamento de recursos naturais renováveis e não renováveis da área em

controvérsia, não é compatível com a resolução das Nações Unidas", declarou o bloco.

Os países do Mercosul reconheceram o direito da Argentina de promover "ações legais com pleno respeito ao direito internacional, contra as atividades não autorizadas na referida área" e acordaram fazer uma nova gestão junto ao secretário-geral das Nações Unidas "para retomar as negociações tendentes a encontrar, na maior brevidade, uma solução pacífica para a referida disputa".

A Guerra das Malvinas, em 1982, foi desencadeada pela Argentina, que invadiu com tropas as ilhas em disputa. A reação do governo inglês foi implacável: enviou sua poderosa esquadra para o Atlântico Sul e retomou a colônia depois de três meses. A guerra — que deixou 649 soldados argentinos e 255 britânicos mortos — acelerou a queda da ditadura militar no país vizinho. Desde então, os dois países mantêm relações diplomáticas frias.

Leia mais na página 9

Combate ao crime e defesa do meio ambiente

Ao fazer a defesa dos regimes democráticos, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva fez questão de incluir, no discurso, na cúpula do Mercosul, comentários sobre a tentativa de golpe de Estado no Brasil, gestado por pessoas ligadas à gestão de Jair Bolsonaro, incluindo o próprio presidente à época — condenado pelo Supremo Tribunal Federal (STF) a 27 anos de prisão por liderar a trama golpista. "A força dos regimes democráticos também vem sendo colocada à prova", declarou o petista.

"A democracia brasileira sobreviveu ao mais duro atentado sofrido desde o fim da ditadura. Os culpados pela tentativa de golpe de 8 de janeiro de 2023 foram investigados, julgados e condenados conforme o devido processo legal. Pela

primeira vez na sua história, o Brasil acertou as contas com o passado", disse o presidente, no discurso.

Para Lula, ter instituições democráticas enfraquecidas "significa abrir espaço para o crime organizado". Ele tratou, então, do tema da segurança pública e do combate ao crime organizado transnacional, e reiterou que deve ser objeto de atenção "independentemente de ideologia". Lembrou que o Mercosul criou, há mais de 10 anos, uma instância de colaboração de autoridades especializadas em políticas contra as drogas.

O chefe do Executivo vai propor, ao Mercosul que promova um encontro entre os ministros da Justiça e de Segurança Pública dos países vizinhos para fortalecer a cooperação sul-americana nesse tema.

Segundo ele, o bloco decidiu combater o crime organizado transnacional "de forma conjunta", atuando no enfrentamento do tráfico de drogas e na recuperação de ativos de atividades ilícitas.

Durante a presidência do Brasil, neste semestre, foi assinado um acordo para combater o tráfico de pessoas e criada uma comissão para implementar estratégias comuns contra o crime organizado transnacional. Também foi instituído um grupo de trabalho especializado sobre recuperação de ativos, a fim de asfixiar as fontes de financiamento de atividades ilícitas.

Feminicídio

O aumento de casos de feminicídio na América Latina também foi

destacado pelo presidente brasileiro ao falar de segurança pública. Segundo dados da Comissão Econômica para América Latina e Caribe (Cepal), a América Latina é a região "mais letal do mundo para as mulheres", com 11 assassinatos de mulheres diariamente, em média.

O governo brasileiro quer que os sócios do Mercosul alinhem suas legislações para que as mulheres com medidas protetivas possam ter esse direito assegurado em qualquer um dos países associados.

"Envie, para a ratificação do Congresso Nacional, o acordo que permitirá que mulheres beneficiadas por medidas protetivas em um país do bloco tenham a mesma proteção nos demais países. Gostaria de propor ao Paraguai, que

assume hoje a presidência do bloco, que trabalhemos para criar um grande pacto do Mercosul pelo fim do feminicídio e da violência contra as mulheres", concluiu Lula.

Sustentabilidade

Os países do Mercosul destacaram, no comunicado final da cúpula, a necessidade de avançar na integração dos mercados de biocombustíveis e de promover discussões sobre combustíveis sustentáveis de aviação (SAF).

Os presidentes celebraram o aprofundamento "das iniciativas conjuntas destinadas a promover a criação de um mercado regional de gás natural e dos trabalhos para a harmonização regulamentar e operacional para a

comercialização de gás natural".

Também mencionaram a troca de experiências nas áreas de interconexão elétrica, biocombustíveis, energias renováveis e dos minerais estratégicos. No comunicado, destacam, ainda, avanços alcançados na área de compras governamentais e ressaltaram a importância de continuar os trabalhos do comitê automotivo.

Nesse último ponto, o objetivo é a harmonização das regras comerciais no bloco relativas ao setor. Sobre o setor automotivo, o bloco fala em criar um "mercado regional mais integrado e eficiente". Os membros do Mercosul reafirmam que é preciso seguir com processo de revisão e de ajuste da Tarifa Externa Comum (TEC). (VD e Agência Estado)